

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

DÉBORA CRISTINA DA CUNHA SOUZA

ARTE URBANA, POLÍTICA E ESCOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Belo Horizonte
2018

DÉBORA CRISTINA DA CUNHA SOUZA

ARTE URBANA, POLÍTICA E ESCOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, em rede nacional, como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Artes.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Gouthier Macedo

Área de Concentração: Ensino de Arte.

Belo Horizonte
2018

Ficha catalográfica

(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

Souza, Débora Cristina da Cunha, 1981-
Arte urbana, política e escola [manuscrito] : um diálogo possível /
Débora Cristina da Cunha Souza – 2018.
23 p. : il. + material didático.

Orientadora: Juliana Gouthier Macedo.
Dissertação em formato de artigo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Belas Artes.

1. Arte urbana – Teses. 2. Grafite – Teses. 3. Arte – Estudo e
ensino – Teses. I. Macedo, Juliana Gouthier, 1963- . II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD 707

SUMÁRIO

RESUMO	04
INTRODUÇÃO	05
A TRAJETÓRIA ARTÍSTICA E DOCENTE.....	05
CONSTRUINDO UMA PROPOSTA - PRIMEIROS PASSOS.....	11
A ESCUTA	11
ALINHAVANDO OS RESULTADOS	14
DIÁLOGOS POSSÍVEIS.....	16
MATERIAL DIDÁTICO/PEDAGÓGICO	19
REFLEXÕES E PENSAMENTOS	21
REFERÊNCIAS	23
ANEXO 1 – MATERIAL DIDÁTICO/PEDAGÓGICO	

ARTE URBANA, POLÍTICA E ESCOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL¹

Resumo:

Este artigo trata, a partir de algumas das inquietações presentes em minha trajetória como professora e grafiteira, das possibilidades de diálogos entre o grafite e o ensino/aprendizagem em Arte. Percorro caminhos que entrelaçam minha vida docente e o meio urbano, alinhavados com a bagagem cultural dos estudantes em sala de aula. Essa trajetória artística e docente auxiliou-me no processo pedagógico, possibilitando um maior diálogo entre os alunos, a Arte e a proposição do grafite como possibilidade de se ampliar esse fazer artístico e docente.

Palavras chaves: Arte Urbana, Grafite e Docência.

URBAN ART, POLITICS AND SCHOOL: A POSSIBLE DIALOGUE PEDAGOGICAL PROPOSAL

Abstract:

This article deals with some of the anxieties present in my trajectory as teacher and graffiti artist, of the possibilities of dialogues between graphite and teaching/learning in Art. I follow paths that intertwine my teaching life and the urban environment, aligned with the cultural baggage of students in the classroom. This artistic and teaching trajectory helped me in the pedagogical process, allowing a greater dialogue between students and Art and the proposal of Graffiti as a possibility to expand this artistic and teaching work.

Keywords: Urban Art, Graffiti and Teaching

¹ Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsa durante todo o período de realização do Mestrado Profissional.

Introdução

A partir do grafite e seus desdobramentos na arte urbana, abordo-o como um caminho para o ensino/aprendizagem em arte, mas que, ainda assim, muitas vezes, não está inserido nos currículos escolares. Inicialmente, proponho algumas considerações sobre as tensões entre a arte urbana, a realidade escolar e o cotidiano dos alunos, pensando em como o grafite pode ser utilizado nas aulas de Arte.

Considerando o grafite como um movimento artístico e sua importância como um meio de expressão, busco aguçar a percepção dos alunos para que identifiquem esse movimento em meio à cidade e, assim, possam produzir reflexões acerca do meio urbano e de sua própria comunidade. Além disso, proponho, ainda, trabalhar com os alunos o grafite como expressão acerca de críticas sociais, políticas e comportamentais, considerando também que ele pode ser utilizado para a transformação de lugares e valorização de culturas.

Dessa forma, juntamente com este artigo, apresento um material didático/pedagógico, aliando os conceitos de arte urbana com a realidade do estudante em sua comunidade, material este que pode ser utilizado por professores(as) que se interessem pelo assunto. Abordo, como eixo deste material, um processo de ensino/aprendizagem que se aproxime da realidade dos alunos, alinhado, assim, em uma visão crítica da Arte. O material, ao abordar o grafite no ensino/aprendizagem de Arte entre os jovens, traz uma proposta de diálogo entre os muitos desafios do contexto sócio/político em que eles vivem e a Arte nas escolas do ensino básico.

Partindo desse viés, o grafite seria uma proposta de ensino/aprendizagem em Arte, ressaltando a história da comunidade dos estudantes e valorizando sua identidade como ser construtor e crítico dentro e fora dos muros da escola. Além disso, inserido no contexto da arte urbana, tendo como temática vários aspectos da sociedade, dialoga com o estudante que busca se conhecer e entender os diversos processos de crescimento presentes em seu percurso pessoal.

A trajetória artística e docente

A trajetória artística e docente é uma referência importante para a pesquisa e o ser pesquisadora. Ao longo do processo de mestrado comecei a perceber que a minha estrada também faz parte da construção do pensar e escrever como professora/artista, o que se relaciona com o que diz Josso (2006). Para a autora:

A trajetória implica a produção de relatos de vida centrados na reconstrução da história da formação de alguém, é uma abordagem que alterna tempos de trabalho individual e tempos de trabalho em grupo articulados a uma leitura de relatos com olhares cruzados. Um trabalho de análise e de interpretação da escuta e do diálogo, uma pesquisa de compreensão, uma confrontação de sensibilidades e de ideias. (JOSSO, 2006, p.375).

Cresci com a vontade de desenhar o mundo, mundo este que muitas vezes se limitava às paredes do meu quarto, mas que foi se configurando no que Vera Pallamin chama de arte urbana: “a prática artística que consiste em uma apresentação e representação dos imaginários sociais, onde adentra a camada das construções simbólicas dos espaços públicos urbanos, intervindo nos modos diferenciais da produção de seus valores de uso.” (PALLAMIN, 2015, p.13).

Caracterizada como várias intervenções artísticas no meio urbano, de caráter efêmero, a arte urbana acabou fazendo parte de minha trajetória. Nesse percurso, o grafite, assim como a pichação², auxiliaram em minha busca artística, como fragmentos da arte urbana. Achava as escolas um enorme tédio e não me sentia estimulada a me envolver nas propostas oferecidas.

Hoje, como professora, vejo que a escola ainda continua um espaço desmotivador, principalmente para os jovens. Entretanto, a partir dessa observação, busquei propor espaços acolhedores para pinturas e grafites, incluindo debates e discussões que dialoguem com a arte como expressão e que aproximem a escola como espaço artístico pertencente ao estudante.

A minha caminhada como grafiteira foi sendo construída entre protestos políticos e o movimento Punk, crescentes em Belo Horizonte no início dos anos de 1990, que se uniram ao meu fazer docente, auxiliando-me nos processos criativos.

Esse contexto histórico marcou-me profundamente, pois sempre entendi a arte como política, o que será abordado mais claramente no decorrer deste artigo.

² “A palavra, do italiano *graffito* ou *sgraffito* que significa arranhado, rabiscado, é incorporada ao inglês no plural *graffiti*, para designar uma arte urbana com forte sentido de intervenção na cena pública. Giz, carimbos, pincéis e, sobretudo, spray são instrumentos para a criação de formas, símbolos e imagens em diversos espaços da cidade. O repertório dos artistas é composto de ícones do mundo da mídia, do cartum e da publicidade, o que evidencia as afinidades do *graffiti* com a arte pop, e a recusa em separar o universo artístico das coisas do mundo. Os grafiteiros remetem a origem de sua arte às pinturas pré-históricas e às inscrições nas cavernas. A pichação partilha o mesmo espírito transgressor, buscando na caligrafia visual a expressão artística e muitas vezes a demarcação territorial, a pichação aparece nos discursos críticos associada a uma produção e estilo próprio e diferenciado, mesclando referências às vanguardas e outras relacionadas ao universo da mídia assim como o grafite.”
(Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3180/graffiti> - 10/10/2017).

Nunca consegui desvincular meus desenhos e grafites dessa lógica, ou seja, de que política e arte caminham juntas. Mas, antes disso, os anos finais de 1980 também foram, e ainda são, para mim, uma inspiração. A música e as tribos urbanas da época eram como um copo cheio de água cristalina em um dia de calor insuportável.

Nesse momento, criei uma linha de desenhos a partir de uma visão crítica/humorística da sociedade e da morte, principalmente da sua comercialização banal e pueril. Criei o personagem Phanthom, um fantasma camarada, que simbolizava o vazio e o assombro diante da crise política que sempre assolou o Brasil e que também se relacionava com as questões sobre a comercialização da morte. Comecei a desenhá-lo por toda a parte. Inicialmente, ele ficou conhecido no banheiro feminino da escola em que eu estudava, mas logo se espalhou por outros lugares, até chegar às ruas de Belo Horizonte.



Imagem 1: Phantom - Caneta retroprojektor sobre A4 - Foto: Débora Souza (2016).

O trabalho “A morte da infância”, produzido em 2007, caminhou nessa mesma perspectiva. Além de criticar a comercialização da morte, abordava a relação do mercado de massa com o público infantil, ao tentar impor a sexualização precoce e uma doutrinação sobre gênero e raça, com a predominância ostensiva de bonecas loiras e brancas.

A morte, tanto física como psicológica, sempre me interessou, e continua me interessando, como tema para minhas produções artísticas, sejam desenhos, pinturas e diversas intervenções urbanas, como grafites.



Imagem 2: A morte da infância.
Acrílico sobre tela e bonecas, 20 cm x 35 cm, 2007. Foto: Débora Souza

Propondo relacionar o desenho e o grafite, desenvolvi algumas intervenções com o personagem Phantom na escola onde leciono há três anos. Esse trabalho, que envolveu os alunos do 7º ano, foi uma pequena série intitulada: “o fantasma do banheiro: o medo está lá fora”. Essa proposta foi desenvolvida a partir de estudos feitos entre lendas urbanas e a política. Uma relação caricatural e crítica do tema abordado.



Imagem 3: O fantasma do banheiro: o medo está lá fora!
Sulfite e retroprojeter, 10 cm x 5 cm, 2016. Foto: Débora Souza



Imagem 4: O fantasma do banheiro: o medo está lá fora!
Sulfite e retroprojeter, 10 cm x 5 cm, 2016. Foto: Débora Souza

As reflexões sobre o sistema político e a massificação do consumismo, buscando rodas de debate acerca desses assuntos, sempre fez parte da minha trajetória como artista e professora. São questões presentes em meu trabalho, que podem ser pensadas a partir das proposições de Josso sobre o trabalho biográfico, que para ela:

não consiste somente em fazer emergir essas lembranças pertinentes à vista do questionamento que orienta o trabalho. É o momento em que se trata de compreender como essa história, essa trajetória, articula-se como um processo de formação que pode ser depreendido mediante as lições das lembranças que articulam o presente ao passado e ao futuro. (JOSSO, 2009, p. 47).

Nesse viés político, comecei a aprofundar na linha das bonecas. Ainda na temática “A morte da infância”, busquei aliar as bonecas com as questões urbanas. Em síntese, trabalhei com bonecas gastas e melancólicas, dialogando como ir e vir louco contemporâneo, com o qual o grafite conversa visceralmente.



Imagem 5: O lado sombra - Boneca pintada com acrílico branco e preto, 2009.
Foto: Débora Souza

A obra “O lado sombra”, que busca um diálogo entre o pensamento de melancolia, que muitas vezes percebo crescer nos meios urbanos, com os meus grafites, também se relaciona com a minha caminhada docente.

Minha vida como professora começou com grande empolgação, contudo, logo percebi as dificuldades de um sistema engessado, capaz de, entre outras questões, limitar o ensino de Arte.

Se isso inicialmente me desmotivou, em contrapartida instigou-me a pesquisar e a estudar meios pedagógicos para que a escola pudesse ser apropriada pelos estudantes, propondo um diálogo entre o espaço físico e debates. Assim, busquei entender o meio no qual estava inserida, pensando a escola dentro e fora dos seus muros, partindo do pressuposto de que ela tem grande influência na comunidade e vice-versa. Outro aspecto importante que me instigou foi a possibilidade de diminuir os pré-conceitos dos demais professores em relação ao grafite como expressão artística.

Com essa trajetória, pude conhecer melhor os anseios dos estudantes e, propor ações pedagógicas para a construção de aulas de Arte mais provocadoras, partindo sempre da escuta, promovendo debates e avaliações diagnósticas. Instigada a entender esse universo, meu caminhar como professora foi se tornando mais agradável e investigativo, uma vez que um professor não deve deixar de ser um pesquisador, como sintetiza Paulo Freire, ao afirmar que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1999, p.32).

Quando comecei a lecionar, em 2005, percebi a importância de uma relação de respeito à bagagem cultural e social dos alunos e, também, que uma aproximação entre o docente e os alunos é fundamental. Essa relação me interessou e, nesse processo, como professora, mergulhei nessa proposta, percebendo um amadurecimento significativo nas aulas de Arte. Essa construção de um relacionamento de respeito refletiu positivamente no processo de ensino/aprendizagem em Arte dos alunos e segue como base da minha atuação profissional.

Toda essa descoberta influenciou no meu processo como professora, artista e pesquisadora. Nessa caminhada, fui construindo uma linha de busca de como o grafite poderia potencializar o processo de ensino/aprendizagem em Arte, tentando perceber quais seus possíveis impactos sobre a comunidade escolar e os saberes dos alunos.

Além disso, fui associando, nesse lugar de professora/artista, ideias a partir de concepções da arte marginal, seus aspectos transgressores e de liberdade.

Construindo uma proposta - primeiros passos

Se várias questões, inclusive sociais e políticas, levaram-me a ser grafiteira, a transgressão e a liberdade, associadas às minhas inquietações, também auxiliaram em minha formação como professora. O grafite foi importante na construção da minha relação com os estudantes, como um aliado na aproximação com eles, pois se viam e se identificavam com essa expressão.

O projeto pedagógico, tendo o grafite como eixo principal, foi desencadeado a partir de uma avaliação diagnóstica. Defendendo o diálogo e o respeito aos saberes dos estudantes, percebi que era imprescindível escutá-los, buscando perceber e observar os vários olhares e pensamentos sobre questões da arte, as diversidades de opiniões e sentimentos para a construção do planejamento das aulas, tornando-as mais atrativas e significativas para os alunos. Assim, com o objetivo de levantar informações acerca dos conhecimentos prévios dos alunos sobre questões da arte, do grafite e os seus desdobramentos na cidade e na escola, foi proposta às turmas do sexto ano uma avaliação diagnóstica para melhor nortear os caminhos do meu trabalho. Um processo baseado nas ideias de Vasconcelos:

A sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideais, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser explorados para dar lugar a novos saberes. (VASCONCELOS,1999, p.35).

A escuta

A partir daqui, o texto flui com as questões seguidas pelas respostas dos alunos, com a escrita em negrito e itálico ressaltando suas falas, permeado com algumas imagens produzidas por eles durante as avaliações diagnósticas.

- Da importância do ensino de Arte na escola:

A maioria dos estudantes entende que o ensino de Arte nas escolas é importante, apesar de ainda não possuírem muita clareza do assunto.

Para eles, a arte é uma *forma de expressar sentimentos e cultura*, além de ser um meio para se *descrever um sentimento profundo* e de se relacionar com *a natureza, a humanidade*, com a *paz consigo mesmo e, principalmente, com a vida*.

Também consideram a arte como *algo inexplicável*, que nos permite *colocar tudo que tem dentro de você para fora. As cores são importantes na arte, por que quando estou com raiva uso o preto ou vermelho, quando estou calmo uso o verde ou azul.*

Consideram, também, a arte como *criação, como desenhar na parede, [...] como ser livre. A arte é importante na escola porque serve para aprender como [ela] surgiu, como por exemplo, com o homem primitivo! Para manifestar sua história e sua vida!*

Outro aspecto importante que trazem diz respeito à relação da arte com a imaginação e a criatividade. *Eu imagino que na arte eu posso ser tudo! Arte na escola me ajuda a ser um vilão ou um herói. Pra mim arte é criatividade e desafio, na escola a Arte é muito importante! A arte não é só falar do interior, mas também do exterior! A arte é liberdade!* Ou ainda, *arte é a dança e a música! O Hip Hop pra mim é arte!*

A arte é um jeito de viver! Arte é fazer grafites e dar seu melhor! Além disso, *arte é uma ideia, uma palavra!* E mais, *arte é o mundo todo, é o suspirar e o acordar!*

A arte é o passado, o presente e o futuro. Além do mais, para *mim ela pode ajudar não só na escola como na medicina!* A relação entre arte e o bem-estar emocional também permeia as opiniões dos alunos, para quem a *arte acalma as pessoas.*



Imagem 6: Arte é sentimento, aluno do 6º ano
Técnica: lápis de cor sobre papel sulfite A4 - Foto: Débora Souza

- Cite pelo menos dois exemplos de algo que você considera como arte:

A maioria dos alunos considera o grafite como exemplo de arte. Eles o entendem como meio de identidade, mas também há aqueles que consideram o esporte como arte.

Eu considero dança, música, exposições de rua como arte! A arte urbana é muito considerada: *O grafite é um exemplo, muita cor e fala da comunidade onde eu vivo! Para mim a música é um exemplo de arte, existe emoção e expressão!*

Para mim, o futebol, as manifestações e um ser nascendo podem ser exemplos de arte, arte para mim é como dança de rua, abrir uma caixa de lápis de cor novinho e sentir o cheiro das cores fortes e marcantes, e o cheiro da tinta então... Arte é amor e vontade de ser livre, ou para mim são exemplos de arte os sentimentos, inclusive o sofrimento. As paisagens e os desenhos que eu vejo na televisão, ou colocar as coisas mais loucas no papel, a expressão de sentimentos.

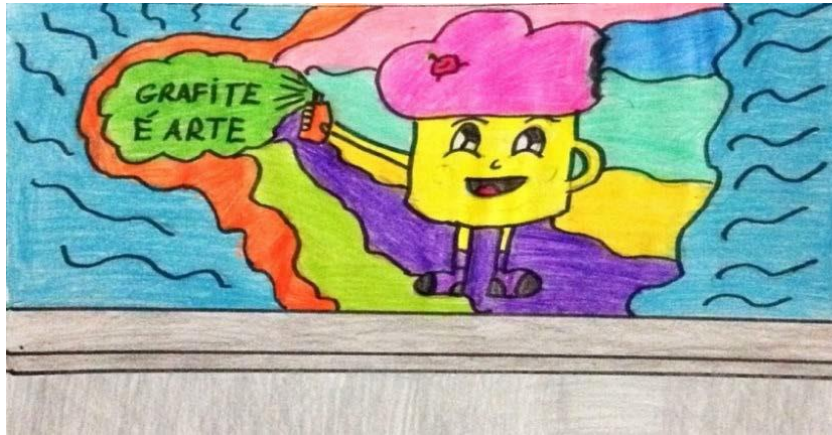


Imagem 7: Aluna do 6º ano
Técnica: lápis de cor sobre papel sulfite A4
Foto: Débora Souza

- Para que servem as aulas de Arte?

Os estudantes, em sua maioria, entendem que as aulas de Arte servem para expressar sentimentos e emoções, e alguns compreendem a disciplina como espaço para aprenderem sobre a história e a desenhar. *Para mim é para colorir e desenhar, para relaxar e expressar e liberar emoções e despertar dons sobre desenhar e pintar. É aprender outras formas de comunicação, ainda aprimorar meus dons e aprender história.*

Ainda podemos observar respostas como: *aprender sobre nossa mente, compreender melhor as pinturas ou ainda ensinar a prestar atenção nas coisas, ontem prestei atenção no céu como nunca tinha feito antes! Percebi várias cores... Nunca fiz isso! As aulas de Arte servem para desenhar e contar histórias dos desenhos.*

Ou também, como apontam outros, servem para *colorir e aprender sobre a arte do passado.*

- Você já ouviu falar sobre Arte Urbana? Se sim, dê exemplo:

Muitos dos alunos entendem que o grafite faz parte do contexto de arte urbana ainda que demonstrem não possuir um entendimento claro acerca do assunto.

Muitos compreendem a arte urbana como uma arte do povo ou de sua própria comunidade.

Se alguns colocam que *é a* arte da cidade que faz desenhos malucos, ou ainda é a arte que pinta nos muros da cidade, deixando tudo mais bonito! No meu beco tem um monte, fica mais bonito. *Ou é a arte da comunidade. É a Arte que pode se fazer na rua, A Arte Urbana é arte do povo.*



Imagem 8: Aluno do 6º ano - 23 B
Técnica: lápis de cor sobre papel sulfite A4
Foto: Débora Souza

Alinhavando os resultados

As avaliações diagnósticas deixaram evidente um grande potencial de trabalho a ser desenvolvido, já que ficou claro que muitos dos estudantes, apesar de possuírem compreensões difusas acerca do grafite como arte urbana, identificam-se e buscam nessa manifestação artística um meio de expressão. Essa escuta mostrou, também, que muitos estudantes ainda entendem como arte na escola, o colorido de desenhos prontos, decorações de datas festivas ou, ainda, recortes de imagens de revistas velhas.

O que Ana Mãe já problematizava, em 1975, continua nos desafiando:

Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes. (BARBOSA, 1975, p.86).

Rodas de debates e conversas foram realizadas a partir das respostas dos alunos. Os debates foram de grande importância para arrematar esse processo de escuta, possibilitando uma maior clareza e aprofundamento dos pensamentos dos estudantes acerca do tema abordado. Durante essas conversas, surgiram muitas ideias de como poderíamos entrelaçar as principais questões levantadas acerca do grafite e sua importância como meio de expressão. Um exemplo foi a proposta de aproximar a comunidade a partir do grafite e de buscar formas para introduzi-lo como conteúdo pedagógico para projetos pedagógicos.

Ainda como desdobramento dessas conversas, ficou acordado que o nosso próximo passo seria ampliar a discussão em um seminário artístico, realizado anualmente no ambiente escolar, através de diversas apresentações artísticas e trabalhos visuais apresentados para a comunidade escolar, com ênfase na arte urbana e suas manifestações.

Nesse seminário foram organizadas várias apresentações dos alunos, incluindo a dança, o teatro, a música e as artes visuais, todos relacionados direta ou indiretamente com a arte urbana. A seguir, alguns exemplos:

A) Dança de rua/arte urbana também é expressão corporal: Alunos do 7º ano apresentaram o break, uma dança de rua ligada ao grafite e ao *hip hop*. Os ensaios ficaram por conta dos funcionários da Escola Integrada, um programa sócio/educativo da Prefeitura de Belo Horizonte, que oferece aos alunos apoio escolar e oficinas com '*atividades lúdicas*' no extra-torno escolar. Os próprios estudantes criaram os passos da dança.

B) Disputa de rimas com o tema "Romeu e Julieta moderno, um conto da Vila Mãe dos Pobres" - arte urbana é rima: Nessa apresentação dos alunos do 7º ano, juntamente com o trabalho entre as componentes curriculares Língua Portuguesa e História, os estudantes fizeram uma disputa de rimas, simulando as famílias Montecchio e Capuleto, a partir de *releituras* da obra Romeu e Julieta. O componente curricular Língua Portuguesa focou nas habilidades da escrita e rima, e História abordou a localização no tempo das rimas produzidas, relacionando a linha do tempo com as produções dos estudantes.

C) Grafite na escola: Para finalizar o seminário, os alunos do 8º ano, juntamente com grafiteiros locais, criaram grafites nos muros da escola, dialogando com as diversas formas de arte urbana experienciadas atualmente. Os trabalhos apresentados no seminário provocaram importantes discussões, evidenciando suas contribuições para o crescimento artístico/pedagógico.

Além disso, trouxeram à tona grandes desafios, como, por exemplo, o de aliar diferentes conteúdos pré-estabelecidos para as aulas de Arte às diversas expressões artísticas existentes além dos muros da escola. Apesar de o seminário acontecer anualmente, esse realizado após as avaliações diagnósticas foi marcado por debates mais sistematizados acerca da arte urbana, com questões que desafiaram os alunos e os demais envolvidos.



Imagem 9: Grafite produzido por alunos do 8º ano
Foto: Débora Souza

Diálogos possíveis

O caráter social e político do grafite o coloca como um movimento com forte potencial para o ensino/aprendizagem da Arte. Além de ser uma poderosa forma de expressão, transforma-se em uma espécie de teia de construção artística/política e transgressora, nos provocando como seres pensantes e críticos. E, como expressão importante no meio urbano, exibindo cores - fortes ou não - em meio ao cinza das grandes cidades e temas controversos e irônicos, ganha a atenção do observador, provocando momentos de pausa e de contemplação em meio ao cotidiano apressado.

O grafite, nesse sentido, seria uma ponte possível para o diálogo entre esses mundos que se entrelaçam e se complementam, o escolar e a comunidade ao redor. Nesse viés, fica evidente a potência política do grafite, no sentido apontado por Rancière, para quem “política não significa as lutas por poder e o exercício deste sobre aqueles que não o possuem, mas sim que a política é a atividade que reconfigura os marcos sensíveis. (RANCIÈRE,2000, p.63).

O grafite como forma de expressão dialoga com temas essencialmente políticos e sociais, que podem gerar tensões e reflexões, além da construção de conhecimento em Arte.

Em um acoplamento de ideias e sentidos, criador e espectador experimentam algo único, um elo crítico, emocional e intelectual, que se relaciona com o que Pimentel diz: “quando se trata de arte, o pensar as emoções e desenvolver a sensibilidade e o afeto são essenciais para a promoção do pensamento artístico, a percepção se refere a ações de reconstrução e está intimamente ligada à emoção” (PIMENTEL, 2013, p.98). Ou seja, dentro da escola, o grafite oferece possibilidades para que sejam utilizadas estratégias de ensino/aprendizagem que podem potencializar a consciência crítica, social e emocional dos estudantes, a partir desse processo que as produções artísticas carregam.

De acordo com Deleuze e Guattari,

As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, por que o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p.194).

Nesse processo, palestras com grafiteiros locais foram realizadas, estreitando as relações entre os estudantes, a comunidade e o contexto escolar, auxiliando os jovens a valorizarem sua cultura e sua arte. Assim, essa noção de pertencimento cultural foi provocada e estimulada por meio de aulas pautadas no grafite, nas quais o ensino/aprendizagem em Arte foi pensado a partir da proximidade do tema ao cotidiano dos estudantes, que puderam se reconhecer como criadores nesse processo. Depois dos debates e da avaliação diagnóstica, foram desenvolvidas oficinas de grafite em papel *Kraft* colados nas paredes, onde foram feitos esboços baseados nos debates realizados, utilizando-se de tintas e pincéis. Os desenhos foram escolhidos pelos próprios estudantes para serem representados posteriormente nos muros da escola. Grafiteiros locais foram convidados para apresentarem aos alunos os diversos alfabetos que o grafite utiliza e o uso das cores, por exemplo, para se obter profundidade e textura. A troca de informações acerca do que havíamos discutido em sala alinhou-se com o fazer/pensar artístico em meio ao pátio da escola, em um processo de aprendizagem bastante rico.

Esse processo de trazer o grafite para a sala de aula foi um desafio motivador, dando a conhecer uma nova forma de expressão dentro da escola, proporcionando o desenvolvimento de distintos conhecimentos e descobertas, como o estreitamento entre os estudantes e a arte e seu reconhecimento como expressão de cada aluno, além de possibilitar o diálogo através de desenhos e pinturas no espaço escolar.

Nesse percurso, houve a concretização de variadas experiências de aprendizagem e sentidos que valorizam a relação social e pedagógica, contribuindo, também, na formação da consciência crítica dos alunos, compreendendo, assim, que sua comunidade também produz arte. A arte urbana é uma expressão que produz impactos peculiares, como dito anteriormente, ao propor uma nova visão, um novo processo expressivo capaz de provocar no observador questionamentos novos que se mesclam com o saber de cada um, com a trajetória e a identidade de cada estudante.

De acordo com Silva, “questionar a identidade significa questionar os sistemas de significação que lhes dão sustentação, e considerar que todos os sistemas simbólicos envolvem relações de poder” (SILVA, 2004, p.91).

Trata-se de um processo que se relaciona com o que diz Freire:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica em re-conhecer, (FREIRE, 1982, p.47).

Já a política realizada por esses artistas/grafiteiros, no meio urbano, pode ser entendida como pequenas lutas fragmentadas que se movem e que se modificam em diferentes contextos e lugares: esses desafios se fazem presentes também no âmbito escolar, entrelaçando essa construção dentro do processo criativo entre o cenário urbano e a escola. Essa construção da busca de si e do contexto social é uma espécie de “micropolítica” que nossa trajetória, nossa identidade e tudo ao nosso redor nos define como seres políticos.

Segundo Campbell,

Essa “micropolítica” trata-se do poder invisível que abrange o contexto político de cada ação e cada ato singular de produção de realidades. É uma atitude focada em questões cotidianas, nos direitos, nas questões sociais e em tudo aquilo que nos afeta em nosso cotidiano e nos organiza como sociedade, (CAMPBELL, 2015, p.67).

Considerando a arte urbana como política e produtora de subjetividades, relaciona-se com o observador, que o convida a se sentir parte de algo, do seu bairro, da sua cidade.

Nesse processo, o seu caráter de participação e de cooperação reflete no ambiente escolar de forma a repercutir positivamente nos estudantes.

De acordo com Hissa:

O mundo inteiro é uma ficção. A chamada “aldeia global” não existe. É apenas uma construção. Eu sempre desconfio de tudo o que é apresentado como sendo global, pois falta sentido a esse conceito. Meu ponto de partida são os valores. Estes podem até se tornar mundiais, mas o ponto de partida é local, (HISSA, 2006, p.36 e 37).

Material Didático/Pedagógico: O Cartografite, um mapeamento dos grafites de Belo Horizonte e da comunidade escolar.

Buscando criar um material didático/pedagógico que possibilite ao professor(a) trabalhar o grafite em sala de aula, por meio das questões levantadas neste artigo, o Cartografite, apresentado em detalhes no anexo, configura-se como um desdobramento da minha pesquisa no Mestrado Profissional em Arte. O ponto de partida foi a proposta de construção de uma cartografia incluindo diferentes grafites de várias regiões da cidade, em diálogo com os grafites produzidos na comunidade escolar. Trata-se de um convite ao mapeamento dos grafites da comunidade, com o objetivo de registrar os grafites da cidade de Belo Horizonte, ou de qualquer outra cidade, ampliando, assim, a sua percepção de espaço e identidade.

Além disso, a ideia também inclui o reconhecimento do meio urbano como suporte para a construção de uma proposta pedagógica, tendo o grafite como conteúdo de ensino/aprendizagem dentro da sala de aula. O material traz fotos de imagens de grafites realizados em muros de Belo Horizonte, com as devidas localizações e referências, incluindo o nome dos artistas e sugestões de sítios para pesquisas.

Concebido como um roteiro do grafite na cidade, tem, também, como proposta, a aproximação dos estudantes com a arte produzida nas ruas, na periferia, nas comunidades onde a maioria das escolas da prefeitura de Belo Horizonte se localizam .

A proposta do Cartografite como material didático/pedagógico é de auxiliar o professor(a) no processo de ensino/aprendizagem de Arte e, a partir do grafite, aproximar os alunos da arte, além de valorizá-lo em qualquer localidade, já que o grafite está em todo lugar. No material há, ainda, a intenção de que os estudantes se sintam estimulados a criarem seu próprio Cartografite, fazendo o registro dos grafites de sua comunidade.

É importante, nesse processo, que os registros envolvam também os grafiteiros que fazem parte desse movimento e que estes dialoguem com os grafiteiros da comunidade escolar, identificando-se como parte desse processo de aprendizagem, reconhecendo sua comunidade como um espaço importante para a expansão do ensino em Arte.

EMBALAGEM



Imagem 10: Material Didático, capa, 2018.
Foto: Débora Souza

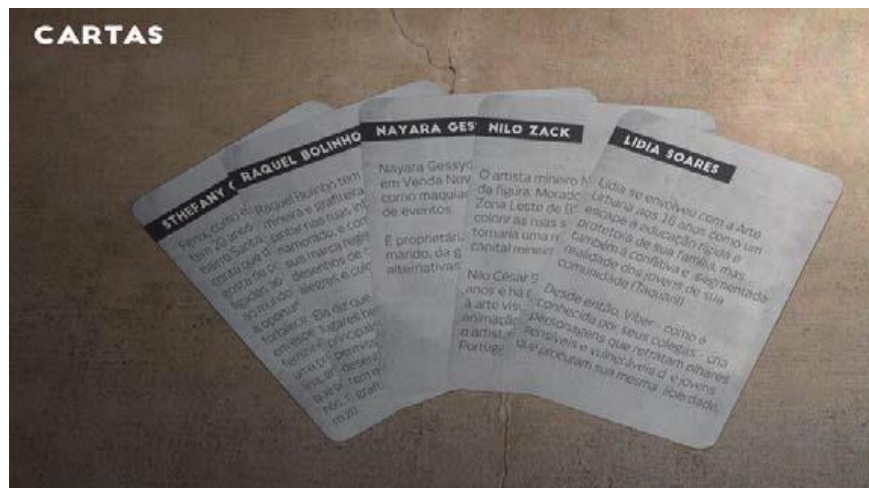


Imagem 11: Material Didático, cartas sobre grafiteiros, 2018.
Foto: Débora Souza

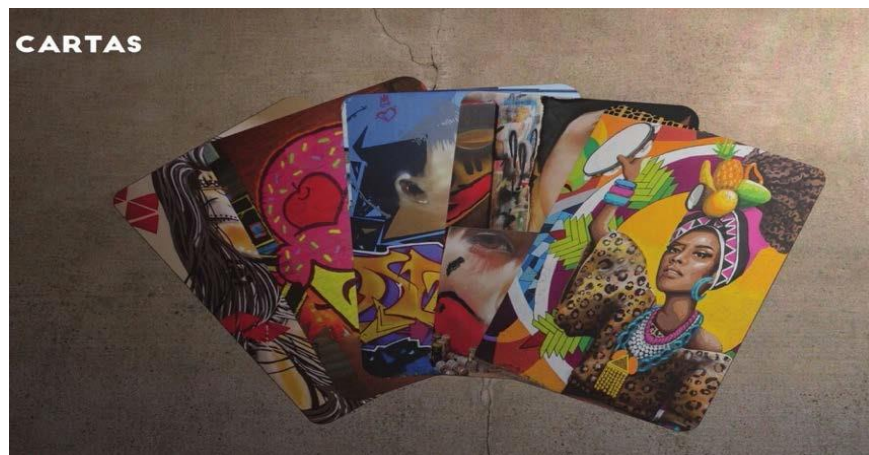


Imagem 12: Material Didático, cartas sobre grafiteiros, 2018.
Foto: Débora Souza

Reflexões e pensamentos:

O grafite, como expressão importante da arte urbana, tem se tornado cada vez mais frequente e, nos dias atuais, são várias as formas e finalidades de se utilizar os espaços da cidade. Em meio a essa “explosão” de imagens, cores e expressões que superlotam as cidades, algumas reflexões são pertinentes, como, por exemplo, questionar até que ponto as expressões visuais são percebidas por aqueles que ocupam esses espaços urbanos, considerando o frenesi atual.

Outro ponto significativo é o de se pensar porque ainda há muita dificuldade em se trabalhar com esse tema no ambiente escolar, apesar de se perceber a importância do grafite para os estudantes e para o processo pedagógico em Arte.

Melhor dizendo, o preconceito e a falta de informação ainda são obstáculos a serem vencidos. Essa expressão visual e sensorial, que também se faz presente nas comunidades e periferias ao redor da escola, convoca a ações que discutam o alinhamento entre a comunidade, a sua produção de arte e o cotidiano escolar.

São aspectos importantes, pois legitima o estudante como alguém pertencente a esse lugar e que constrói sua identidade dentro e fora dos muros escolares. Esse processo, essa espécie de teia construtiva e positiva foi uma descoberta importante para minha atuação docente, não só no que diz respeito ao ensino/aprendizagem de Arte, como no reconhecimento da aproximação dos estudantes com suas histórias e trajetórias de vida, imprescindíveis para qualquer ação educativa.

O grafite, além de um significativo movimento artístico pertencente à arte urbana, também é, por sua proximidade com os jovens, uma das formas mais potentes de se construir o estreitamento entre comunidade e a escola e do processo de ensino/aprendizagem em Arte na educação formal.

Isso porque reúne dois fundamentos que o caracterizam, a estética e o pensamento crítico. Por sua vez, os grafiteiros utilizam desse movimento para se expressarem e transmitirem ideias, em grande parte com acentuada crítica social e muitas delas pautadas também no humor.

Na maioria das vezes, as imagens não dizem respeito a uma única pessoa, mas traduzem os anseios de um grupo, classe ou tribo.

Contudo, ainda assim, as dificuldades encontradas em abordar o grafite dentro da escola se mostram presentes, como um desafio aos(às) educadores(as).

Muitos(as) docentes ainda veem a arte urbana como meio transgressor negativo, ignorando esse movimento como meio de expressão artística, que, historicamente, levanta polêmicas sobre sua presença, como aconteceu em São Paulo, no início do segundo semestre de 2017, quando o então prefeito, João Doria, mandou apagar os grafites da cidade, alegando poluição visual.

Em Belo Horizonte, também houve polêmica quando o prefeito da cidade, Alexandre Kalil, mandou apagar os poemas do grafiteiro Felipe Arco em lixeiras da capital. Toda essa polêmica propõe reflexões e pode se transformar, através da problematização, em abordagens pedagógicas interessantes dentro do ambiente escolar.

Como uma interferência nos espaços urbanos, o grafite tornou-se uma importante forma de expressão das minorias (na maioria das vezes oprimidas pelos órgãos e instituições governamentais) exporem suas ideias. Construindo-se como uma forte fonte de expressão, não deixa de ser um meio que possibilita oportunidades de se “gritar” por seus desejos, além de permitir que vários grupos se identifiquem e valorizem suas culturas locais, valorizando assim a comunidade e sua relação direta com o âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo, Editora Cultrix, 1975.
- CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Produções Invisíveis, 2015.
- DELEUZE, GUATTARI. Gilles, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: E outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.
- GRAFFITI. In: ENCICLOPÉDIA **Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: **Itaú Cultural, 2018**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3180/graffiti>>. Acesso em: 03 de Mar. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.
- HISSA, Cassio Eduardo Viana. **Ambiente e vida na cidade**. In: Brandão, Carlos Antônio Leite (Org). *As cidades das cidades*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. Pag. 36 e 37.
- JOSSO, M.Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação**: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p.373 - 383, maio/ago.2006.
- PALLAMIN, Vera. **Arte Urbana: São Paulo, (1945-1998)**. Obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Fapesp. 2015.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Cognição imaginativa**. In:., Pós: Belo Horizonte, v.3, n.6, p.94 - 104, novembro, 2013.
- RANCIÈRE, Jaques. **A partilha do sensível**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jaques. **O espectador emancipado**. Martins Fontes, São Paulo, 2012.
- SILVA, Tomás Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Silva, Tomás Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis : Vozes, 2004, p.71 - 115.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de ensino aprendizagem e Projeto Político Pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização**. São Paulo: Libertad, 1999.

ANEXO 1 – MATERIAL DIDÁTICO/PEDAGÓGICO

Cartografite: Uma proposta pedagógica. Um percurso artístico na comunidade de sua escola.

Apresentação

Buscando criar um material didático/pedagógico que possibilite ao(à) professor(a) trabalhar o grafite em sala de aula, por meio das questões levantadas pelos estudantes do Ensino Fundamental, o “Cartografite” é um recurso a mais para o professor de Arte em suas práticas pedagógicas. O ponto de partida é a construção de uma cartografia sobre os grafites de várias regiões da cidade, em diálogo com os grafites produzidos na comunidade escolar.

Trata-se de um convite ao mapeamento dos grafites da comunidade, cujo objetivo é estimular a busca pelos grafites na cidade onde a escola se localiza. Além de propor uma forma de reconhecimento do meio urbano como suporte, o material configura-se a partir da construção de uma proposta pedagógica alinhavada com o grafite como conteúdo de ensino/aprendizagem dentro da sala de aula.

O material didático/pedagógico traz fotos de grafites realizados em diferentes muros de Belo Horizonte, nomes dos artistas autores e sites oficiais desses mesmos grafiteiros, selecionados entre os mais expressivos da cidade, com o propósito de conhecer a biografia e as obras artísticas dos mesmos, como referências iniciais para auxiliar no desenvolvimento da proposta. Com o objetivo de se identificar os locais onde estão as obras, as cartas com as imagens e dados trazem, ainda, os endereços das mesmas, facilitando sua localização. É importante lembrar que esse levantamento inicial é também um exemplo para que os(as) professores(as) possam construir outros mapas, a partir da escola onde lecionam e do levantamento dos grafites no seu entorno ou em áreas próximas.

Justificativa

O termo *Cartografite* vem da ideia de mapear, cartografar os grafites locais, construindo um registro dos mesmos, estimulando o diálogo acerca desse movimento artístico em sala de aula, buscando instigar os estudantes a criarem seu próprio “cartografite”, sendo, também, uma proposta que busca desencadear o interesse de se conhecer outras formas e expressões artísticas. A intenção é de que o material funcione como um alimentador de ideias e novas construções a partir do movimento grafite existente em diferentes cidades e regiões do Brasil.

Nesse sentido, espera-se que os(as) estudantes, junto com os(as) professores(as), façam um levantamento para a construção de um roteiro da arte urbana na região próxima à escola, como um primeiro passo para aproximar os alunos da arte produzida nas ruas, notadamente na periferia, nas comunidades onde estão localizadas a maioria das escolas do Brasil.

Os(as) estudantes poderão, individualmente ou em grupo, construir a sua própria cartografia, o seu próprio Cartografite. É importante, nesse processo, conhecer os grafiteiros atuantes no movimento e relacioná-los aos da comunidade escolar, identificando e reconhecendo as diferentes comunidades como espaços importantes na construção de referências significativas para o ensino/aprendizagem em Arte.

O(A) professor(a) pode, e deve, apropriar-se desse material para, por exemplo, propor uma espécie de *tour* artístico nas proximidades da escola, registrando os grafites existentes ou outras interferências urbanas, localizando-as, como proposto pelo Cartografite.

Pode-se, também, desenvolver uma ação em sala, estimulando os próprios estudantes a criarem seus grafites, cabendo ao professor mediar o trabalho com intervenções sobre diferentes questões artísticas, envolvendo, por exemplo, as cores e as texturas, dentre outras possibilidades.

Enfim, o Cartografite é um material didático/pedagógico que deve e pode ser ampliado, reconstruído, reinventado, buscando diferentes processos pedagógicos de trabalho em/sobre a arte.

A quem se destina o material didático

O Cartografite é destinado, a princípio, aos estudantes do Fundamental II, ou seja, os anos finais do Ensino Fundamental. Também foi elaborado a partir da realidade de muitas escolas da periferia dos centros urbanos, buscando um diálogo mais estreito com a identidade dos alunos dessas regiões, proporcionando a conscientização de pertencimento e apropriação desses espaços. Contudo, apesar desse recorte, a ideia pode ser apropriada e adequada a diferentes faixas etárias e comunidades.

Conteúdos agregados e antecedentes

O grafite é um movimento artístico com o qual muitos jovens se identificam, construindo, assim, sua trajetória e personalidade. A palavra grafite tem origem italiana, *graffito*, que significa “escrita feita com carvão”. São inscrições gravadas ou desenhadas pelos antigos povos nas paredes das cidades e monumentos.

O grafite é uma vertente, dentre muitas outras, que pode ser categorizada no que chamamos de arte urbana. Desenvolvido no espaço público, busca interagir com a população, geralmente com temas políticos, sarcásticos e humorísticos. A pichação, que é muito discutida e polêmica, também tem importância no universo da arte urbana, pois dela se originou o grafite. Nas abordagens dessas manifestações, vale ressaltar a necessidade de se discutir a noção de respeito pelo espaço público e os seus aspectos legais, como a obrigatoriedade de autorização para a realização do grafite, inclusive em espaços privados.

Como muitas intervenções são feitas de forma ilegal, causando transtornos e insatisfações, ao se trabalhar com o grafite nas escolas, essas questões não podem ser menosprezadas.

Existem vários tipos de grafites espalhados pelas cidades e os mais conhecidos são o *bombing*, o *crew*, o *stencil* e o *wildstyle*.

Bombing: Grafite com letras arredondadas e com cores fortes e vibrantes. Geralmente os temas são de cunho humorístico.



Imagem 1

Fonte: graffitibrazil.wordpress.com - Acesso em: 24/05/2018. aka riot aka Rato - Libertino / Rio de Janeiro

Crew: São grafites feitos em grupos. Seu tema específico é o texto, a mensagem a ser transmitida. Usam-se cores escuras e letras pontiagudas.



Imagem 2

Fonte: spraydaily.com - Acesso em: 24/05/2018. Tuff - 45rpm
Bristol - Inglaterra

Stencil: Grafite produzido com moldes feitos com cartolinas, radiografias ou outros materiais, passando-se o *spray* por cima. Esse tipo de grafite tem como objetivo a rapidez e a escala em produção.



Imagem 3

Fonte: streetart360.net - Acesso em: 26/05/2018. Mona Lisa Graffiti
Okuda / Paris - França

Wildstyle: Grafite que busca desenhos e letras complexas. Geralmente possui temas políticos e sarcásticos e as letras são feitas com setas. Muitas vezes esse estilo costuma ser de difícil compreensão visual, pois possui muitos elementos.



Imagem 4

Fonte: buzzgraffiti.blogspot.com - Acesso em: 07/06/2018. Happy Graffiti Graphon / Estados Unidos

Objetivos

Considerando o grafite como um movimento artístico e sua importância como um meio de expressão, a intenção deste material didático é aguçar a percepção dos alunos para que identifiquem esse movimento em meio à cidade e, assim, possam produzir reflexões acerca das produções artísticas, relacionando-as com o meio urbano e a sua própria comunidade.

O(a) professor(a) pode trabalhar questões relativas a percepções artísticas, envolvendo, por exemplo, os sentidos e a espacialidade. Nessa perspectiva, a proposta envolve, ainda, a ideia de estimular, junto aos alunos, discussões e pesquisas que abordem, a partir dos grafites, questões inerentes à arte, explorando diferentes abordagens no que diz respeito ao uso das cores, das texturas, e da perspectiva, dentre outros.

Além disso, há a possibilidade de se trabalhar o grafite com os alunos como expressão de críticas sociais, políticas e artísticas, considerando, também, que ele pode ser utilizado para a transformação de lugares e valorização de culturas. Outro aspecto que merece atenção é a interlocução entre a arte e o público, promovendo um entrelaçamento entre diferentes modos de expressão em arte, as vivências individuais e coletivas e as suas materializações e/ou muros públicos e privados.

O material traz, também, como proposição, a exploração do diálogo entre questões artísticas, poéticas e textuais e suas diversas formas de se relacionar com a cidade e as pessoas, seja via mensagens explícitas ou sutis e, ainda, sua capacidade de afetar imageticamente.

Dentro do ambiente escolar há, em comum, um espaço de mediação artística que envolve a sociedade e expressões de diferentes formas e cores destinadas a receptores que transitam nesses espaços.

Portanto, o grafite como meio pedagógico pode ser percebido também como uma recriação contemporânea das expressões artísticas, possibilitando, dessa maneira, trabalhar conteúdos diversos dentro da Arte enquanto disciplina.

Dessa forma, este material didático/pedagógico, aliando os conceitos de arte urbana com a realidade do estudante em sua comunidade, pode ser utilizado por professores(as) que se interessem pelo assunto como um eixo do processo de ensino/aprendizagem, por sua proximidade com a realidade de muitos(as) jovens, alinhando, portanto, a construção de uma visão crítica da Arte.

O material, ao abordar o grafite no ensino/aprendizagem de Arte entre os jovens, possibilita um diálogo entre os muitos desafios do contexto sociopolítico em que eles vivem, relacionando, assim, com a Arte nas escolas do ensino básico. Ou seja, o grafite é uma forma de arte que permite ações didático/pedagógicas com desdobramentos envolvendo a autoafirmação dos adolescentes, por sua proximidade com eles. Por meio de algumas ações desencadeadas pelo material didático os alunos têm a possibilidade de tecer aproximações entre os trabalhos artísticos realizados dentro da escola com o que se produz em meio ao espaço público. Partindo desse viés, o grafite seria um caminho para o processo de ensino/aprendizagem em Arte, ressaltando a história da comunidade, dos estudantes e valorizando sua identidade como ser construtor e crítico, dentro e fora dos muros da escola.

Em síntese, o material proposto aborda o grafite como produção artística e propõe uma identificação do mesmo como uma importante manifestação da arte urbana.

Nesse contexto, tendo como temática vários aspectos da sociedade, dialoga com o estudante que busca se conhecer e entender os diversos processos de crescimento presentes em seu percurso pessoal.

Metodologia

Este material foi criado tendo como pressuposto a autonomia do(a) professor(a) para que seus procedimentos sejam construídos a partir da ideia de se elaborar uma cartografia do grafites, aberta a planejamentos e possibilidades diversas, em sua apropriação.



Imagem 5: Mapa referente à escola que leciono na Prefeitura de Belo Horizonte
Fonte: google maps

Primeiramente, os mapas têm como objetivo servir de auxílio na localização dos grafites de sua comunidade. O(A) professor(a) pode propor um passeio pelos arredores da escola e, usando como exemplo os mapas do Cartografite, produzir seu próprio mapa, um mapa da comunidade de sua escola (este pode ser encontrado no Google Maps) e, durante o passeio, ou se preferir um *tour* artístico, ir registrando, no mapa, a localização dessas expressões urbanas. Dessa forma, o estudante compreende e valoriza sua comunidade, entendendo que sua identidade é importante no processo educativo. O mapa que aborda os grafiteiros de Belo Horizonte (presente no material didático) pode ser usado em sala de forma coletiva, com as cartas – que podem ser multiplicadas – servindo para uma primeira aproximação com os grafiteiros mais conhecidos e como diálogo com os grafiteiros e/ou obras que estejam nas imediações das escolas ou em locais escolhidos para o desenvolvimento do projeto. Nas cartas estão inseridas, também, sugestões de *sites* que podem ser explorados como meio de se conhecer mais detalhes das obras e dos artistas. O(A) professor(a) pode, ainda, propor aos(as) alunos(as) que criem seus próprios grafites a partir das referências disponíveis nas cartas do material didático/pedagógico.

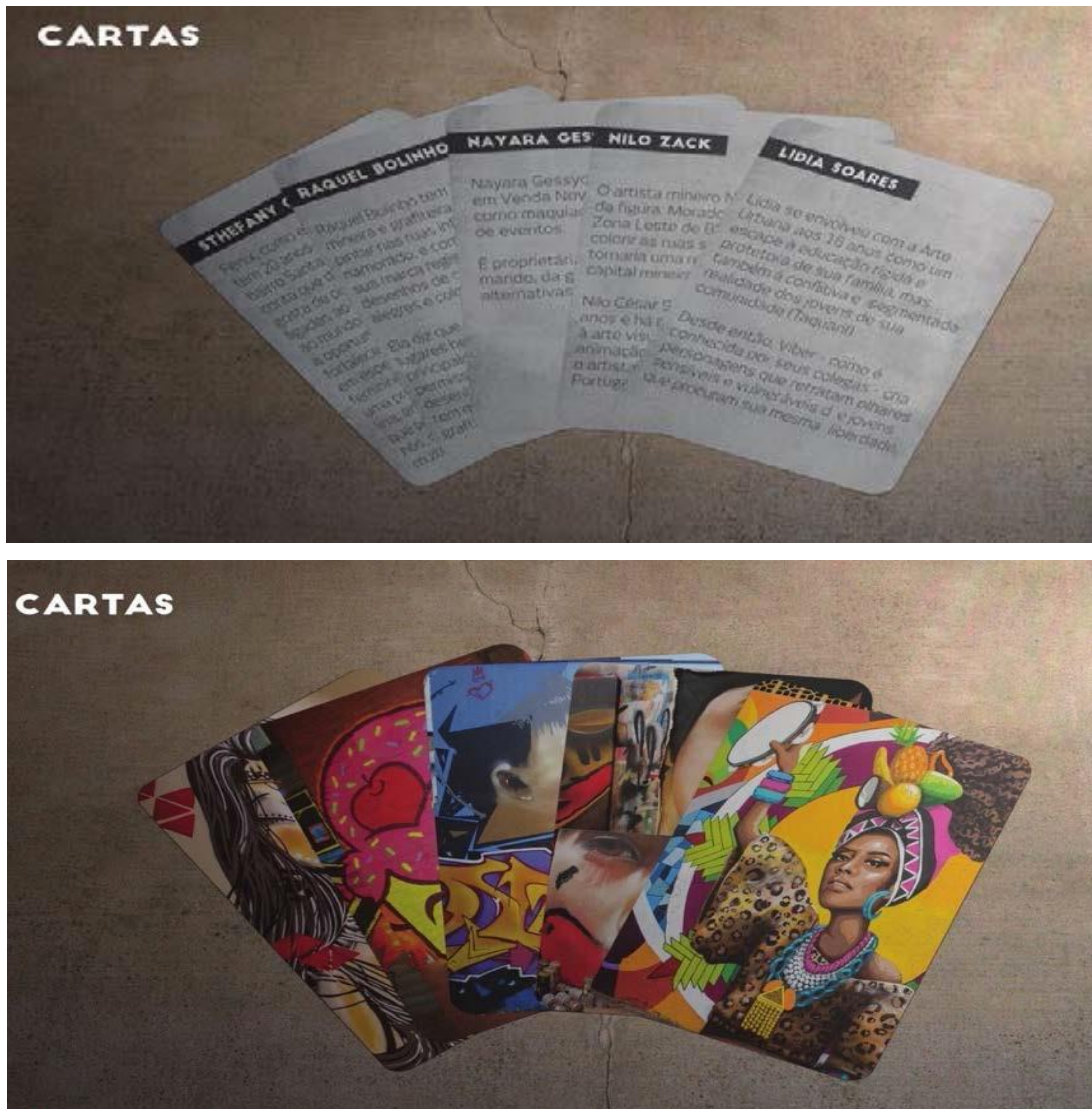


Imagem 6: Cartas - Fonte: Elaborado pela autora

Nessa perspectiva, pode-se buscar inferências entre o grafite e outras expressões artísticas que tenham elementos comuns, abrindo, assim, o leque de possibilidades de percepção e aprendizado dentro do conteúdo em Arte.

Deixo como exemplo dois artistas. **Jean Michel Basquiat** foi um artista estadunidense, ganhou popularidade primeiro como um grafiteiro na cidade onde nasceu, Brooklin, Nova Iorque, EUA, em 22 de dezembro de 1960, e então como neo-expressionista. Faleceu em 12 de agosto de 1988, com 27 anos, em Nova Iorque.

Seus períodos mais participativos foram o neo-expressionismo e o primitivismo, influenciado por Andy Warhol, Pablo Picasso, CY Twombly, Robert Rauschenberg, Jean Dubuffet. Sua Formação foi na Edward R. Murrow High School.



Imagem 7

Fonte: artnews.com - Acesso em: 12/06/2018. Sem Título
Yusaku Maezawa / Tokyo - Japão

Alex Vallauri nasceu em 09 de outubro de 1949, em Asmara/Etiópia, e morreu em 27 de março de 1987, em São Paulo/Brasil. Sua origem é italiana e se naturalizou no Brasil onde foi grafiteiro, artista gráfico, pintor, desenhista, cenógrafo e gravador. Seu interesse por objetos *kitsch* fez com que, em meados dos anos 1970, passasse a fotografar painéis de azulejos, pintados nos anos 1950 e colados nas paredes de restaurantes de São Paulo. Seus registros fotográficos resultaram no vídeo “Arte para todos”, mostrado na Bienal Internacional, em São Paulo, em 1977.



Imagem 8

Fonte: intervencaourbanaribeirao.blogspot.com - Acesso em: 13/06/2018. iuri
Alex Vallauri / São Paulo - Brasil

O material traz, ainda, a possibilidade de ampliação do seu conteúdo, com o(a) professor(a) criando, por exemplo, conexões entre a arte exposta em museus e galerias e a arte urbana. Pode-se fotografar ou desenhar os grafites e montar um ‘mapa’ dos mesmos, podendo ser construído um mapa individual ou serem feitos mapas coletivos, a partir do que existe (ou do que não existe) na comunidade, no entorno da escola.

O(A) professor(a) pode estimular, ainda, a busca por outras questões a serem registradas, possibilitando outros olhares, enriquecendo o processo pedagógico, como por exemplo: Existe excesso de grafites em minha comunidade? Há poucos grafites na comunidade? Como os grafites interferem na paisagem urbana?

Avaliação

A avaliação pode ser contínua, envolvendo todo o processo, desde a pesquisa inicial, os registros e os trabalhos propostos e realizados. Essa etapa pode e deve ser construída de acordo com as proposições e objetivos, considerando a importância de uma avaliação crítica do processo para potencializar sua ação formativa.

Materialidade

Um dos aspectos importantes dessa proposta didático/pedagógica é a possibilidade de escolha dos materiais. Como exemplo, pode-se usar, no processo em sala, folhas A4, lápis de cor e canetinhas, pensando nas produções individuais. Para produções coletivas, há a opção do *Kraft* e da tinta acrílica, o uso do stencil ou até mesmo os muros da escola. Pensando também, em trabalhos a serem expostos.

Durante as investigações no entorno da escola, é importante incentivar o registro, com a câmera de um celular, sem deixar de pensar nos bloquinhos de papel para esboços, que são bem-vindos. Para aguçar a imaginação dos alunos, é importante estímulos visuais, como vídeos sobre grafites e sobre artistas. Neste caso, é importante que o(a) professor(a) selecione cuidadosamente o que vai disponibilizar para os(as) estudantes, fazendo um estudo e avaliação criteriosa dos mesmos.

Leituras recomendadas

GRAFFITI. In: ENCICLOPÉDIA **Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: **Itaú Cultural, 2018**. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3180/graffiti>>. Acesso em: 03 de Mar. 2018.
Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

PALLAMIN, Vera. **Arte Urbana: São Paulo – Região Central (1945-1998). Obras de caráter temporário e permanente**. São Paulo: Fapesp. 2015.

Sites recomendados

GRAFFITI BRAZIL

Disponível em: <<https://graffitibrazil.wordpress.com/2011/05/26/libertino-aka-riot-aka-rato/#jp-carousel-4275>>

Acesso em: 24 de maio de 2018.

SPRAY DAILY

Disponível em: <<https://www.spraydaily.com/t/tuff/>>

Acesso em: 24 de maio de 2018.

STREETART360

Disponível em: <<https://streetart360.net/2017/09/13/mona-lisa-on-the-wall/>>

Acesso em: 26 de maio de 2018.

BLOG BUZZ GRAFFITI

Disponível em: <<http://buzzgraffiti.blogspot.com/>>

Acesso em: 07 de junho de 2018.

ARTNEWS

BASQUIAT, Jean-Michel. *Untitled*, 1982, in the collection of Yusaku Maezawa.

Disponível em: <<http://www.artnews.com/top-200-collectors/>>

Acesso em: 12 de junho de 2018.

Iuri - Um jeito diferente de olhar as ruas

VALLAURI, Alex. Asmara Etiópia 1949 – São Paulo Sp 1987)

Disponível em: <<http://intervencaurbanaribeirao.blogspot.com/2012/05/alex-vallauri.html>>

Acesso em: 13 de junho de 2018.

GOOGLE MAPS. **Mapa da escola referente ao material didático.** Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Escola+Municipal+Zilda+Arns/@-19.8180552,-43.9943141,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xa68e27e7733c71:0x7624d560f98ac80d!8m2!3d-19.8180603!4d-43.9921254>>

Acesso em: 31 de julho de 2018.

FACEBOOK. **Phantom Grafite.** Disponível em:

<<https://www.facebook.com/debora.cunha.167527>>

Acesso em: 27 de junho de 2018.

Cartografite: Uma proposta pedagógica.
Um percurso artístico na comunidade de sua escola.

Proposta do jogo

O material didático/pedagógico traz fotos de grafites realizados em diferentes muros de Belo Horizonte, nomes dos artistas autores e *sites* oficiais desses mesmos grafiteiros, selecionados entre os mais expressivos da cidade, com o propósito de se conhecer a biografia e as obras artísticas dos mesmos, como referências iniciais para auxiliar no desenvolvimento da proposta. Com o objetivo de se identificar os locais onde estão as obras, as cartas com as imagens e dados trazem, ainda, os endereços das mesmas, facilitando sua localização. É importante lembrar que esse levantamento inicial é também um exemplo para que os(as) professores(as) possam construir outros mapas, a partir da escola onde lecionam e do levantamento dos grafites no seu entorno ou em áreas próximas.

Nesse sentido, espera-se que os(as) estudantes, junto com os(as) professores(as), façam um levantamento dos grafites de sua comunidade para a construção de um roteiro da arte urbana na região próxima à escola, como um primeiro passo para aproximar os alunos da arte produzida nas ruas, seguindo como sugestão os passos abaixo:

- Os(as) estudantes poderão, individualmente ou em grupo, construir a sua própria cartografia, o seu próprio Cartografite. É importante, nesse processo, conhecer os grafiteiros atuantes no movimento e relacioná-los aos da comunidade escolar, identificando-os nos mapas criando assim espaço para debates e discussões. .
- Pode-se também desenvolver uma ação em sala, estimulando os próprios estudantes a criarem seus grafites, cabendo ao/à professor/a mediar o trabalho com intervenções sobre diferentes questões artísticas, envolvendo, por exemplo, as cores e as texturas, dentre outras possibilidades. Primeiramente, os mapas têm como objetivo servir de auxiliar na localização dos grafites de sua comunidade. O(A) professor(a) pode propor um passeio pelos arredores da escola e, usando como exemplo os mapas do Cartografite, produzir seu próprio mapa, um mapa da comunidade de sua escola (este pode ser encontrado no *Google Maps*) e, durante o passeio, ou se preferir um *tour* artístico, ir registrando, no mapa, a localização dessas expressões urbanas. Dessa forma, o estudante compreende e valoriza sua comunidade, entendendo que sua identidade é importante no processo educativo.
- O mapa que aborda os grafiteiros de Belo Horizonte (presente no material didático) pode ser usado em sala de forma coletiva, com as cartas – que podem ser multiplicadas – servindo para uma primeira aproximação com os grafiteiros mais conhecidos e como diálogo com os grafiteiros e/ou obras que estejam nas imediações das escolas ou em locais escolhidos para o desenvolvimento do projeto. Nas cartas estão inseridas, também, sugestões de *sites* que podem ser explorados como meio de se conhecer mais detalhes das obras e dos artistas. O(A) professor(a) pode, ainda, propor aos(às) alunos(as) que criem seus próprios grafites a partir das referências disponíveis nas cartas do material didático/pedagógico.
- O Cartografite é destinado, a princípio, aos estudantes do Fundamental II, ou seja, os anos finais do Ensino Fundamental. Também foi elaborado a partir da realidade de muitas escolas da periferia dos centros urbanos, buscando um diálogo mais estreito com a identidade dos alunos dessas regiões, proporcionando a conscientização de pertencimento e apropriação desses espaços. Contudo, apesar desse recorte, a ideia pode ser apropriada e adequada a diferentes faixas etárias e comunidades.



MATERIAL DIDÁTICO DE ARTE: CARTOGRAFITE





LIDIA SOARES

Lidia se envolveu com a Arte Urbana aos 16 anos como um escape à educação rígida e protetora de sua família, mas também pela conflitiva e segmentada realidade dos jovens de sua comunidade, o Taquaril.

Desde então, Viber - como é conhecida pelos colegas - cria personagens que retratam olhares sensíveis e vulneráveis de jovens que procuram a mesma liberdade.

31/07/2018

*Créditos cedidos pela artista



NAYARA GESSYCA

Nayara Gessyca (Nica), 25 anos, mora em Venda Nova e trabalha como maquiadora e promotora de eventos.

É proprietária, ao lado do marido, da grife S.I.M., de roupas alternativas.

31/07/2018

*Créditos www.zonasurbana.com.br



NILO ZACK

Nilo César Sampaio de Lima tem 29 anos e há nove se dedica unicamente à arte visual. Formado em cinema de animação e artes digitais pela UFMG, o artista também cursou cinema em Portugal.

Morador do Taquaril, na Zona Leste de BH, ele começou a colorir as ruas sem imaginar que se tornaria uma referência no grafite da capital mineira.

31/07/2018

*Créditos cedidos pela artista



RAQUEL BOLINHO

Raquel Bolinho tem 26 anos, é mineira e grafiteira. Começou a pintar nas ruas influenciada por seu namorado. Hoje sua marca registrada são os cupcakes: alegres e coloridos.

Ela diz que gosta de grafitar em lugares bem sujos e abandonados, por achar que o resultado tem mais a ver com a proposta do graffite.

31/07/2018

*Créditos www.querobolinho.com.br

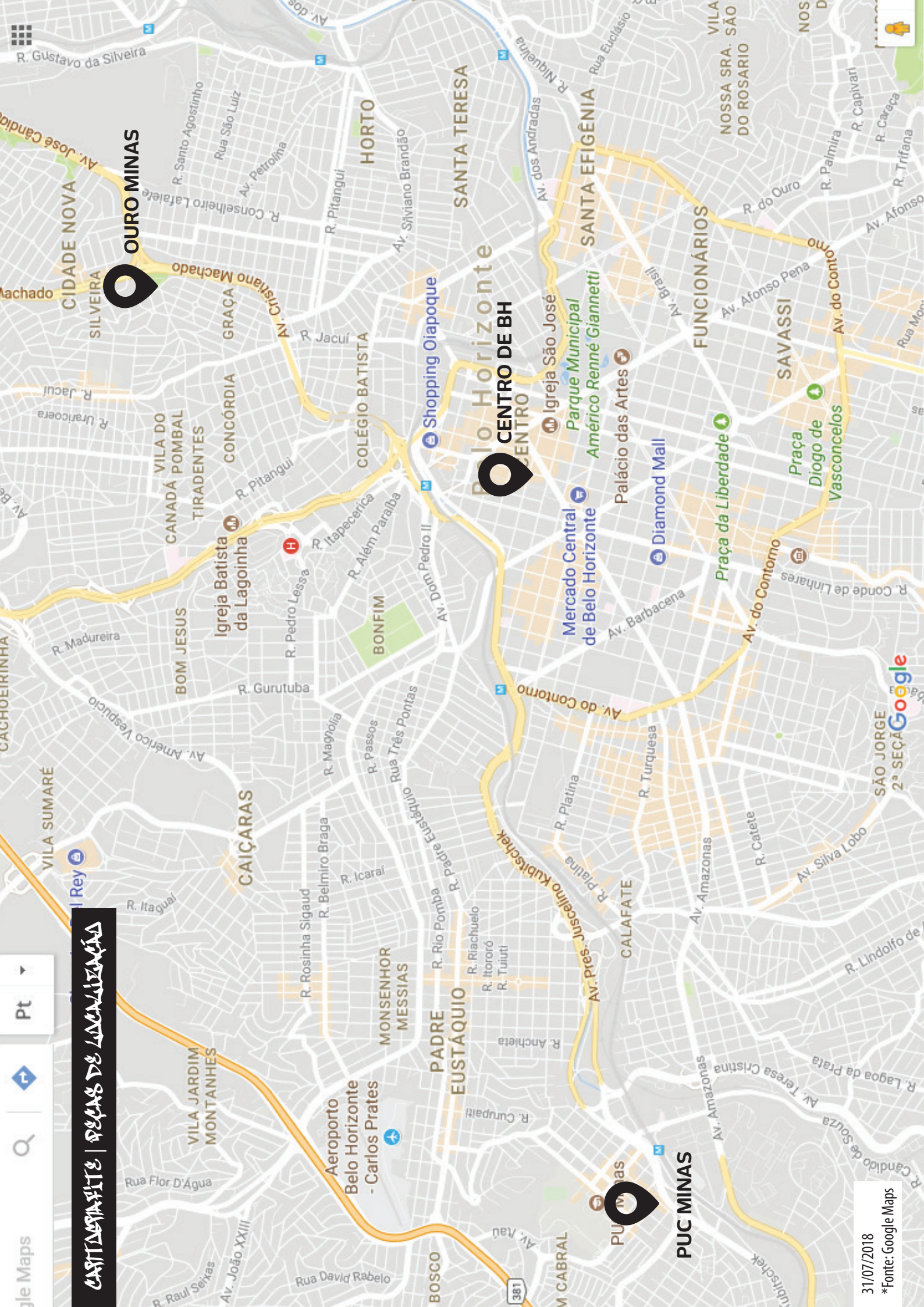


STHEFANY OLIVEIRA

Fênix, como ela assina, tem 20 anos e é moradora do bairro Santa Mônica, a jovem conta que desde muito nova gostava de pintar personagens ligadas ao feminino, ao oriental e ao mundo dos cartuns.

31/07/2018

*Créditos www.zonaurbana.com.br



CAPITANIAS E PECAS DE LOCALIZACAO

OURO MINAS

Centro de BH

PUC MINAS

CARTOGRAFITE | PECAS DE LOCALIZAÇÃO

